

Do crime ao espetáculo: análise da narrativa construída pela Rede Globo no caso Nardoni¹

Renata Ribeiro Farias BARBOSA²

Fábio Sadao NAKAGAWA³

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

O presente trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que buscou responder a seguinte questão: como se constrói a narrativa a partir de uma notícia?. Com base nessa problemática e tendo como objeto de análise a cobertura do caso Nardoni feita pela Rede Globo, serão identificadas a produção dos personagens principais para composição da narrativa e os recursos utilizados pela emissora para espetacularização dos fatos. A partir desses elementos e com base na Teoria do Espetáculo, desenvolvida por Guy Debord e utilizada por José Arbex Júnior, será analisada a hipótese de elaboração de uma narrativa pelo processo de espetacularização da notícia em crimes que causam comoção nacional.

Palavras-chave: Caso Nardoni; Rede Globo; Espetacularização da notícia; Telejornalismo.

Introdução

O presente trabalho é parte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, que teve como corpus de análise a cobertura da Rede Globo sobre o caso Nardoni, compreendida no período de 30 de março de 2008 a 16 de julho de 2014. Entre diversos casos que geraram comoção nacional a partir de suas coberturas, o caso Nardoni foi escolhido porque, além da grande repercussão entre o público, que podia ser vista diariamente, a imprensa concedeu um espaço dificilmente conquistado por outras notícias. No programa Fantástico, que é transmitido em horário nobre na Rede Globo, por exemplo, o pai e a madrasta de Isabella Nardoni concederam uma entrevista de cerca de 35 minutos sobre a morte da menina. Os dois já eram considerados os principais suspeitos pelo crime.

Durante os três primeiros meses após a morte, o caso foi massivamente noticiado em redes de televisão, jornais impressos, rádio, sites e revistas, como se cada novidade representasse um novo capítulo de uma novela. O material noticiado na TV foi escolhido

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada, em 2015, em Comunicação com habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, e-mail: renatafarias.91@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor adjunto da Faculdade de Comunicação da UFBA, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, prof. tutor do PETCOM e membro do grupo de pesquisa ESPACC da PUC-SP, e-mail: fabiosadao@gmail.com

devido à forma que o caso foi abordado, com recursos como reconstituições do crime e entrevistas, além da abrangência do meio com relação ao público. Pelo mesmo motivo, houve a opção por canais de transmissão aberta. No entanto, a dificuldade de encontrar o acervo de programas de 2008 – ano em que aconteceu o crime – disponíveis online direcionou a decisão pela Rede Globo, que tem papel importante na construção da narrativa devido aos materiais exclusivos exibidos.

A análise teve o objetivo de responder a seguinte pergunta: como se constrói a narrativa a partir de uma notícia? Com base nessa pergunta e tendo como objeto de investigação as matérias e programas produzidos pela Rede Globo sobre o caso Nardoni, foram elaboradas as seguintes hipóteses: 1) O processo de espetacularização possibilita a tradução da notícia numa narrativa, entendida como sucessão de ações orientada por relações de causa e consequência; 2) No decorrer desse processo, a apresentação dos fatos permite estabelecer uma relação de causa e consequência entre eles por conta da lógica de contiguidade entre as partes; 3) A narrativa orientada pelo espetáculo produz personagens orientados por determinadas funções específicas, como a de vítima e vilão.

Durante a cobertura do caso, novas informações foram apresentadas ao telespectador de forma fragmentada, quase que diariamente, como capítulos de uma novela. Ainda assim, foi possível perceber a construção de uma história linear que tem como efeito o desenvolvimento de personagens que sustentarão o espetáculo. Para melhor observar a narrativa construída pela Rede Globo, foram coletadas e organizadas em ordem cronológica todas as matérias transmitidas na emissora e disponibilizadas em seu acervo online, desde a divulgação da morte da criança até matérias produzidas posteriormente à condenação de seu pai e madrasta.

A espetacularização do crime

Durante o período de cobertura analisado, foram exibidas 64 matérias sobre o caso Nardoni, desconsiderando-se qualquer material que por ventura a Rede Globo não tenha incluído em seu acervo online. Pode parecer um número pequeno ao observar que a morte aconteceu em 29 de março de 2008, e a última matéria analisada foi ao ar em 16 de julho de 2014, totalizando mais de seis anos de cobertura. No entanto, a quantidade é muito superior ao que é comumente dedicado a temas que não são de interesse público.

No que se refere a ideia de interesse público, Manuel Carlos Chaparro afirma que:

[...] interesse público, no entendimento que a ciência política lhe atribui (ver: Bobbio, Norberto; Matteucci, Nicola; e Pasquino, Gianfranco – Dicionário de Política, 5ª edição, V. 1, p. 106, Brasília, Editora UnB, 1909), define bens imateriais indivisíveis, que pertencem a todos, ou seja, a uma totalidade dos unidos por valores-verdades em que acreditam. Valores concretos, como a Pátria, a Família, a Igreja, ou valores abstratos, como a Justiça, a Liberdade, a Igualdade, a Dignidade, a Honra, o direito à Vida e à Felicidade. Valores motivadores e justificadores das ações humanas, inclusive as ações de narrar e analisar as coisas da Atualidade, que pertencem ao jornalismo (CHAPARRO, 2012, p. 8).

Por sua vez, o interesse do público está relacionado também à difusão em grande escala de casos como a morte de Isabella Nardoni, já que os espectadores anseiam saber qual será o desfecho das histórias. É por isso que Chaparro deduz que:

O interesse do público pertence, pois, ao universo dos indivíduos, em configurações individuais ou coletivas. Está, portanto, relacionado às razões emocionais e/ou objetivas das pessoas. Razões que são a base construtora do sucesso interlocutório, sempre dependente do “outro”, e que tem de ser imediato (CHAPARRO, 2012, p. 7-8).

Na provável tentativa de instigar o interesse do público, a emissora transformou a cobertura do caso Nardoni no que pode ser chamado de espetáculo. Recursos similares àqueles presentes em narrativas ficcionais foram utilizados para transmissão de atualizações acerca do crime, que se tornou o enredo de uma telenovela. Trata-se do processo de espetacularização da vida, que Guy Debord traduz como um modo de produzir relações sociais por meio de um conjunto de imagens, ou seja, por um modo de aparecer da sociedade (DEBORD, 1997, p. 18). Devido a isso, os meios de comunicação passam a exercer importante função na definição do que será pautado socialmente.

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Sua diversidade e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida – isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a negação visível da vida; como negação da vida que se tornou visível (DEBORD, 1997, p. 16).

Para levar o público a identificar na transmissão de novos fatos sobre a morte de Isabella Nardoni uma história que deve ser acompanhada, dia após dia, assim como tramas ficcionais, o mais fundamental é a construção de uma narrativa que permita seu acompanhamento diário. Para o sucesso dessa fórmula, a característica descontinuidade da

TV é essencial, já que acaba dando a ideia de capítulos/episódios anteriormente incorporados pelo espectador das telenovelas. De acordo com Balogh (2002, p. 94), uma importante característica observada na TV e que tem influência direta sobre suas produções é a descontinuidade de sua programação. As produções para o meio televisivo, incluindo narrativas, são previamente pensadas para incorporar intervalos de minutos ou até mesmo de dias até a próxima edição ou episódio.

Por conta dessa particularidade, Arlindo Machado (1995, p. 52) afirma que o caráter narrativo da programação televisiva não pode ser rigidamente linear, como pode ser visto em obras do cinema, já que isso confundiria o telespectador a cada vez que ele parasse de prestar atenção especificamente à pequena tela do televisor. Diferente da relação anteriormente estabelecida com o cinema, para assistir à TV não é necessário sentar-se em uma sala e voltar toda a atenção à programação exibida.

Personagens da novela Nardoni

Ainda assim, a presença de “capítulos” não é suficiente para comparar uma notícia a uma narrativa ficcional. Assim como na ficção, uma notícia transformada em espetáculo também apresenta personagens principais, secundários e coadjuvantes. Especificamente no caso Nardoni, pela possibilidade de se falar em uma narrativa dramática, a construção dos papéis de “vilão” e “vítima” dão sentido à história. A partir da forma como são noticiados fatos cotidianos, José Arbex Jr. argumenta que

Um dos desafios enfrentados diariamente pelos estrategistas da mídia consiste, precisamente, na elaboração de estratégias de sedução do telespectador/leitor, operando em um inevitável espaço de ambiguidade do fato comunicativo. Trata-se de transformar a ambiguidade em seu oposto – o consenso aparente, imposto, fabricado por técnicas de propaganda –, principalmente quando o assunto remete à esfera da política e da economia. Como fazê-lo? Resposta: restringindo ao máximo o espaço de interlocução, por meio do uso de esquemas e slogans que traduzam a “verdade” em fórmulas simples e tranquilizadoras. Criando, enfim, metáforas que “explicam” segundo receitas maniqueístas e de fácil compreensão: determinada opção econômica (por exemplo, a moratória da dívida externa) é “boa” ou “má” porque se situa no campo “bom” ou “mau” das coisas da política e do mundo. Em outros termos, as narrativas dos fatos do mundo assumem uma estrutura e uma lógica próprias das telenovelas (ARBEX JÚNIOR, 2002, p. 114-115).

Para constituição da narrativa policial do caso Nardoni, a figura da vítima é a primeira a surgir e a mais importante. Sem essa personagem, lembrada a todo momento,

não há crime. Isabella Nardoni é apresentada no início da cobertura (GLOBO.TVa1, 2008) simplesmente como a menina de cinco anos que morreu ao cair do sexto andar do apartamento de classe média onde viviam seu pai, madrasta e irmãos mais novos. Ainda assim, fotografias da criança sorrindo já davam indícios da personagem que se construiria ao longo da narrativa. Ilustrações da cena do crime, na versão de Alexandre Nardoni, também representavam Isabella no dia de sua morte.

Menos de três dias após o fato (GLOBO.TVa2, 2008), sua condição de vítima foi ampliada devido à afirmação da polícia de que “sem dúvidas” ela havia sido jogada por alguém. Ao longo das matérias, a expressão “menina Isabella” passa a ser cada vez mais recorrente. Além de caracterizar a personagem como uma criança indefesa, é possível estabelecer uma relação com a expressão “menino Jesus”, usada por cristãos para representar o estado mais puro e inocente da vida de Jesus Cristo. Há ainda relatos da família da garota e do promotor Francisco Cembranelli, que não chegou a conhecê-la, de como Isabella seria uma criança “dócil”, educada e cativante, principalmente a partir de histórias ligadas aos irmãos mais novos e à mãe.

Enquanto Isabella era “humanizada” com descrições de sua personalidade e lembranças, como a proximidade de seu aniversário, além da constante exibição de fotografias e vídeos, a reprodução cada vez mais frequente de simulações do crime por meio de ilustrações tornavam o ocorrido uma história quase irreal. Pela primeira vez, em 7 de abril de 2008, com a divulgação de um dos primeiros laudos da perícia (GLOBO.TVa7, 2008), Isabella foi mostrada como um corpo sem vida por meio de uma ilustração que tenta explicar o que ocorreu. A repetição de imagens do enterro ainda reafirmava, em diversos momentos, a morte anterior daquela personagem.

A indefensabilidade da vítima foi reafirmada e documentalmente comprovada em 6 de maio, quando foi divulgado o pedido de prisão preventiva do casal (GLOBO.TVa10, 2008). Para o promotor Francisco Cembranelli (GLOBO.TVa13, 2008), havia provas suficientes para levá-los a júri popular por homicídio doloso triplamente qualificado. Um dos agravantes do crime era a ausência de chances de defesa por parte da vítima. Alguns dias antes do julgamento (GLOBO.TVa20, 2009), as imagens da reconstituição do crime, com uma boneca no lugar de Isabella, representam a versão final de sua morte de acordo com a polícia, baseada nos laudos da perícia. Isabella representa uma vítima que, silenciada pela morte desde o início da narrativa, não tem a possibilidade de apontar seus algozes ou dar qualquer tipo de parecer sobre o caso.

No entanto, uma vítima secundária é construída a partir da morte da menina, como uma extensão da personagem. Nesse caso, uma vítima com o poder de se posicionar sobre o ocorrido e mostrar ao público seu sofrimento. Ana Carolina Oliveira é colocada nesta posição ao longo da narrativa, diferente de Isabella, que já surge como vítima. A mãe de Isabella aparece pela primeira vez no dia 1º de abril (GLOBO.TVa3, 2008), quando se manifesta sobre o ocorrido em uma rede social. Além de jurar amor pela filha, ela agradece o apoio dos amigos. Quatro dias depois (GLOBO.TVa5, 2008), começava a se formar de fato a segunda vítima do caso. A Rede Globo transmitiu a visita de Masataka Ota, pai de outra criança assassinada anos antes, a Ana Carolina. Ele vai até a casa da mãe de Isabella para mostrar apoio e acaba se posicionando como um porta-voz de Ana Carolina, que não havia se pronunciado. “A gente vê que ela está cheia de amor e perdão”, afirmou.

O sofrimento de Ana Carolina passa, então, a ser o maior motivo de suas aparições durante a cobertura, seja no enterro da criança ou recebendo o apoio de terceiros. Em uma provável tentativa de demonstrar a força daquela mãe que seguia com a vida após a morte de sua filha, um fato que não acrescentava em nada ao caso foi relatado em uma das matérias (GLOBO.TVa6, 2008): Ana Carolina foi até o supermercado com os pais. Posteriormente, até mesmo a imagem de artistas (GLOBO.TVa12, 2008) foi explorada para promover esse sentimento. Em uma missa pela paz, ela aparece ao lado de Zezé di Camargo e Luciano, Xuxa e Ivete Sangalo. Em algum trecho de todas as matérias em que aparece, há a imagem do sofrimento, do choro de Ana Carolina.

Na posição da vítima que tem voz – Ana Carolina depôs como testemunha de acusação contra o casal (GLOBO.TVa16, 2008) –, a mãe de Isabella presta importantes depoimentos para a posterior condenação do casal Nardoni. Sem nenhuma declaração anterior sobre o caso, as maiores informações sobre o perfil dessa personagem são obtidas durante sua entrevista na Rede Globo, exibida no Dia das Mães de 2008 (GLOBO.TVa15, 2008). Ana Carolina está vestida com uma camiseta com o rosto da filha estampado e segura uma girafa de pelúcia, apresentada por ela como um dos brinquedos usados pela filha na hora de dormir. O telespectador passa a saber que Ana Carolina nunca morou com Alexandre Nardoni e engravidou aos 17 anos, durante o namoro. Os dois se separaram quando Isabella tinha 11 meses, o que levou a um relacionamento difícil.

Visivelmente abalada, Ana Carolina chorou três vezes durante a entrevista: ao contar quando encontrou a filha, como a menina estava no hospital e como seria seu primeiro Dia das Mães sem Isabella. Ela ainda denunciou a aparente frieza de Alexandre e

Anna Jatobá no dia da morte e durante o enterro da criança, além de descrever problemas entre eles. Ao ser questionada sobre o uso da palavra “esquentadinha” para definir sua própria personalidade, Ana Carolina disse que qualquer um seria esquentadinho para defender seu filho.

Apesar de se mostrar forte na maior parte do tempo, de acordo com as matérias exibidas, Ana Carolina mostrou seu lado mais sensível durante o julgamento (GLOBO.TVa22, 2010). Ela não conseguiu permanecer até o final do processo, já que passou mal ao ver a reconstituição do crime e fotografias de Isabella. Ainda assim, seu depoimento foi considerado um dos mais importantes no julgamento. Em casa, acompanhou o veredito pela televisão e, após a condenação, foi até a varanda, onde se encontravam repórteres e manifestantes. É possível observar, com a atitude, que Ana Carolina buscava mostrar sua reação ao público que acompanhava a história de sua filha. Anos mais tarde, em 2013, ela ocupou papel similar ao de Masataka Ota, ao falar no programa Encontro com Fátima Bernardes (GLOBO.TVa24, 2013) sobre uma outra criança assassinada e demonstrar seu apoio ao pai.

Assim como a figura da vítima, o chamado “vilão” também é essencial para a construção desta narrativa. Afinal, sem a ação do vilão, não existiria nem mesmo a vítima. Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá não iniciam a narrativa já nesses papéis, mas os personagens ganham força cada vez maior. Os dois são personagens individuais, porém caminham juntos durante a narrativa, com maior ou menor destaque para cada um. Quando o caso é apresentado ao público da emissora, o casal aparece apenas como personagens presentes na cena do crime (GLOBO.TVa1, 2008), mas sua culpa já é atestada em 3 de abril (GLOBO.TVa4, 2008), com o pedido de prisão preventiva. A partir desse ponto, apenas uma grande reviravolta faria com que os dois perdessem a posição de vilões nesta narrativa, principalmente na visão do público.

O mesmo dia marca a primeira vez em que os dois se posicionam sobre o ocorrido. De acordo com eles, não houve um pronunciamento anterior por acreditarem que o caso se resolveria. Em carta lida durante o telejornal, Alexandre diz que “seu mundo acabou” com a morte da filha, que era “seu tesouro”. Para ele, todos o estavam julgando sem conhecê-lo. “Não me permitem sentir falta dela, pois me condenam por algo que eu não fiz”, escreveu. Alexandre relatou ainda o sofrimento de seus familiares e disse que não descansaria enquanto não encontrasse “o monstro” que teria cometido o crime. Assim como o marido, Anna Jatobá escreve uma carta para se posicionar sobre o ocorrido, na qual afirma que

Isabella sempre será o amor de sua vida e dos irmãos Pietro e Cauã. Ela ainda afirma que ela e Alexandre são inocentes.

Pela primeira vez, em 7 de abril (GLOBO.TVa7, 2008), o caso foi chamado de “assassinato da menina Isabella Nardoni”, com a afirmação de que um “criminoso desconhecido enforcou e sufocou a vítima antes de atirá-la de cabeça para baixo de uma janela do sexto andar”. Essa informação acrescentava ao perfil de vilões do casal, devido à sua crueldade. No dia seguinte (GLOBO.TVa8, 2009), imagens da câmera de segurança de um supermercado, gravadas momentos antes do crime, contribuíram para a construção da ideia de família unida, defendida pelos Nardoni. É possível perceber uma “queda de braço” constante entre a família de Alexandre e Anna Jatobá e a polícia/promotoria. Esse embate reflete diretamente na construção do perfil dos personagens em questão. Gradualmente, qualquer tipo de referência a uma imagem positiva perde força e espaço na cobertura.

A entrevista exibida no Fantástico com o casal (GLOBO.TVa9, 2008) poderia ser o maior espaço disponível para a divulgação da “bondade” de Anna Jatobá e Alexandre. No entanto, antes da exibição, o âncora diz que aquela é a chance do telespectador para avaliar a sinceridade dos dois. Enquanto o casal reafirmava sua inocência sempre que possível, também contava histórias de Isabella e da família unida e feliz que eles formavam. Para os dois, a população os estava pré-julgando e condenando, o que era um reflexo do conteúdo exibido “pela mídia”. Anna Jatobá chorou durante toda a entrevista. Já Alexandre, sustentava uma aparência de emoção e chorou em alguns momentos pela morte da menina.

De acordo com o relatório final do inquérito sobre a morte (GLOBO.TVa12, 2008), divulgado em 1º de maio, a delegada responsável pelo caso acreditava que os dois “mantiveram a mentira de forma dissimulada, desprezando o bom senso e discernimento de todos, para permanecerem impunes”. A delegada ainda afirmou que Anna Jatobá se mostrava ciumenta até mesmo com relação à menina. O relatório também apresentava depoimentos, a exemplo do que foi dito pelo pai e mãe de Ana Carolina: eles reafirmaram a ameaça de morte feita por Alexandre e afirmaram sempre se posicionarem contra o relacionamento, devido ao comportamento do pai de Isabella. Essas declarações podem ser consideradas o veredito final acerca da personalidade dos dois, os vilões da história. Ainda pode ser acrescida a rejeição de Alexandre por outros presos e a sentença final, quando o juiz afirmou que os réus agiram com frieza e desequilíbrio emocional.

Assim como da vítima, dos vilões também surgiu uma extensão: o advogado de defesa Roberto Podval, contratado aproximadamente um ano antes do julgamento. Com

racionalidade como característica principal, a defesa do casal foi constituída por um grupo de advogados que, durante a maior parte do processo, agiu como porta-voz da família Nardoni. No entanto, Podval foi responsável por representar o casal durante o julgamento. Ele é apresentado pela primeira vez ao público em 2009 (GLOBO.TVa19, 2009) e alguns de seus clientes são citados: condenados ou acusados por homicídio que respondem ao processo em liberdade. De acordo com o repórter, a estratégia de Podval era “provocar uma reviravolta no caso”. Essas informações, unidas ao seu pedido de anulação de todas as queixas contra Anna Jatobá, já cria sobre ele a ideia de um grande adversário para a promotoria. Afinal, responder ao processo em liberdade já seria uma vitória para os Nardoni, principalmente devido à prorrogação do julgamento.

De acordo com Podval, sua função era defender causas que ele entendia como justas. Esse posicionamento coloca o personagem em uma posição de “paladino da justiça”. No entanto, seu papel é defender os vilões da história, o que o torna um “advogado do diabo”. Outra estratégia utilizada pelo advogado foi a sugestão de uma terceira hipótese para a morte de Isabella, já que defendia a inocência do casal Nardoni, enquanto a possibilidade de um desconhecido ter cometido o crime havia sido praticamente descartada pela promotoria. Podval, sempre pautado em teorias e justificativas racionais, sugeriu que a morte da menina poderia ter sido causada por um acidente doméstico, como outra criança que havia caído da janela de casa pouco tempo antes.

Como herói da história, por ter sido o principal responsável pela condenação do casal Nardoni, o promotor Francisco Cembranelli se mostra presente desde o início da narrativa. Ele se posicionou acerca do caso e das investigações, inicialmente com um cuidado maior, como em sua primeira entrevista à Rede Globo (GLOBO.TVa6, 2008), esquivando-se da maior parte das perguntas com respostas evasivas. Posteriormente, passa a se posicionar de forma mais incisiva, sempre muito seguro de suas afirmações. Ele chegou a afirmar ainda que “propósito da promotoria é não deixar que Isabella seja esquecida” (GLOBO.TVa14, 2008).

Antes do julgamento, detalhes sobre a carreira de Cembranelli foram apresentados ao público (GLOBO.TVa21, 2010). Em entrevista posterior ao veredito (GLOBO.TVa22, 2010), Cembranelli reforçou a importância da vitória alcançada em razão da qualidade do trabalho realizado anteriormente. É possível perceber que esse personagem foi extremamente racional durante toda a narrativa, assim como a defesa do casal. Com o novo

laudo, produzido nos Estados Unidos (GLOBO.TVa23, 2013), ele se posicionou mais uma vez em defesa da perícia brasileira.

Outros recursos utilizados pela Rede Globo

Além da construção de personagens, a Rede Globo utilizou diversas estratégias que reforçaram ainda mais a ideia de espetáculo na cobertura do caso Nardoni. É possível observar a utilização de recursos de séries de TV quando a cobertura repete todo o trajeto feito desde início da narrativa e também quando é anunciado, durante uma matéria, o que será exibido no dia seguinte, fazendo com que o telespectador anseie pela informação.

Assim como narrativas ficcionais, o caso Nardoni contou com vozes que narraram parte dos acontecimentos. A escolha dos repórteres demonstra a importância dada pela emissora ao caso. Profissionais de renome foram escolhidos para dar voz à história da morte de Isabella. Os repórteres responsáveis pelo maior número de matérias foram Valmir Salaro e José Roberto Burnier, ambos responsáveis por reportagens de grande repercussão, inclusive sobre o caso Suzane von Richthofen.

Outro recurso muito explorado pela emissora foram as informações, entrevistas e documentos exclusivos. Esses elementos atribuem à narrativa da Rede Globo uma singularidade, em relação ao material divulgado em outros veículos, já que apenas a emissora teria acesso a eles. A repetição das informações presentes nesses materiais e a reafirmação da exclusividade também reforçavam a ideia de “superioridade” da emissora.

A primeira entrevista com Ana Carolina foi exibida na Rede Globo no Dia das Mães de 2008 (GLOBO.TVa15, 2008), tentativa clara de explorar a data comemorativa e, conseqüentemente, o sofrimento da mãe que, pela primeira vez, não teria sua filha ao seu lado. Essa hipótese é comprovada quando a repórter questiona como seria seu primeiro dia das mães sem Isabella. Na mesma entrevista, é possível perceber o posicionamento da emissora em favor da mãe na figura da repórter, que demonstra apoio a Ana Carolina em um momento de comoção.

A emissora tenta mostrar que contribui com o processo de investigação do caso. “A repercussão da morte da menina Isabella acelerou o andamento do caso na Justiça”, afirmou a âncora do Jornal Nacional antes da exibição de mais uma matéria sobre o caso (GLOBO.TVa17, 2008). Além disso, o telespectador é convidado a julgar os suspeitos. “Eles alegam inocência e se mostram emocionados. Agora, você, telespectador, pode

avaliar a sinceridade do pai e da madrasta da menina Isabella”, diz o âncora antes da primeira entrevista com o casal (GLOBO.TVa9, 2008).

Um dos pontos emblemáticos da tentativa de transformar a cobertura em um espetáculo é a matéria que apresenta o promotor e o advogado de defesa antes do julgamento (GLOBO.TVa21, 2010). Como o momento em que dois lutadores se pesam e se enfrentam antes de entrar em um ringue de luta, a matéria mostrou os representantes de cada lado. Inicialmente, o telespectador conheceu o cenário onde aconteceria a batalha: uma sala no Fórum de Santana. Depois, os lutadores tiveram nome, idade, tempo de profissão, número de “lutas” e de vitórias durante a carreira. Os dois personagens ainda foram questionados sobre a preparação para o grande dia.

Expressões para se referir ao caso também demonstravam a necessidade de passar ao público a ideia de grandiosidade ligada ao caso. “O crime que abalou o Brasil” (GLOBO.TVa11, 2008), “o julgamento mais aguardado na crônica policial brasileira” (GLOBO.TVa19, 2009) e “o Brasil espera pelo julgamento para saber a verdade sobre a morte de Isabella” (GLOBO.TVa21, 2010) são alguns exemplos. Para comprovar a veracidade dessas informações, sempre que possível, as matérias exibiam um grande número de pessoas nas ruas, ou com palavras de acusação para o casal ou com solidariedade para a mãe.

Para lembrar a vítima e o que ela representava na narrativa, fotos de Isabella sorrindo e vídeos da menina são exibidos constantemente. Há ainda a frequente lembrança de que aquela era uma vida interrompida por meio da divulgação de que o aniversário da menina se aproximava. Como imagens que representavam a história, eram sempre exibidos vídeos do prédio – imagens estáticas ou descendentes, em referência ao movimento de queda da vítima –, a janela de onde Isabella foi jogada e a rede de proteção cortada.

Durante a tradicional retrospectiva de final de ano da Rede Globo (GLOBO.TVa18, 2008), exibida em 2008, uma matéria citou o caso Nardoni. “Da morte de Isabella até a prisão do pai e da madrasta, foram 40 dias de tortura psicológica. Do sofá da sala, assistimos passo a passo a revelação de segredos que aconteceram entre quatro paredes. Ficaremos marcados para sempre pela mesma pergunta sem resposta: por quê? Diante da barbárie, tivemos que encontrar ânimo para seguir em frente, mas foi um choque descobrir o tamanho do desamor que nos atinge”, disse o âncora em tom dramático.

É possível perceber a tentativa de criar, no telespectador, uma identificação que “permite viver certas emoções sem correr riscos, no isolamento de sua casa e cercado de

todas as garantias (nada mais conhecido do que o enredo de uma telenovela)” (ARBEX JÚNIOR, 2002, p. 47). Desta forma, era gerado no público um desejo de saber o que aconteceria no próximo capítulo da narrativa. Com o texto da retrospectiva, a Rede Globo praticamente assume o espetáculo criado em torno do caso Nardoni, acompanhado como uma novela pelos telespectadores.

Considerações finais

A partir desta análise, é possível reconhecer a construção de uma narrativa linear na divulgação das notícias acerca do caso Nardoni na Rede Globo. A emissora utilizou recursos para atrair a atenção de seu público que conferiram à cobertura uma similaridade a enredos de telenovelas, passando ainda por outras formas de entretenimento, a exemplo da comparação entre a apresentação do promotor e advogado de defesa antes do julgamento e dois competidores antes de um enfrentamento em ringue de luta. Expressões utilizadas para descrever o caso – a exemplo de “o crime que abalou o Brasil”, entre outras previamente citadas – e imagens repetidamente exibidas criaram uma identificação da narrativa, ao ponto que se tornou possível compreender do que se tratava a notícia com a exibição de um único frame.

Recursos como imagens de arquivo de Isabella, vídeos produzidos pela própria emissora, imagens de câmera de segurança e apresentação de documentos contribuíram para levar ao público a ideia de proximidade com aquela história. Outros como a exclusividade ostentada pela emissora, que inclui depoimentos, entrevistas e especialistas que explicavam aos telespectadores o funcionamento dos processos de forma simplificada também foram importantes para a construção de um enredo único. Com recursos próprios de ficções seriadas, gerou-se uma expectativa para descobrir qual seria a novidade do programa seguinte.

Dia após dia, os fatos foram sucessivamente apresentados, construindo-se uma narrativa seriada. Partindo-se do princípio de que toda narrativa é composta por início, meio e final, incluindo um clímax, é possível delimitar estes pontos na cobertura do caso Nardoni. O próprio assassinato de Isabella Nardoni marca o início da narrativa, que é seguido da investigação do crime. A história atinge seu clímax com o julgamento dos suspeitos – precedido da já citada matéria que apresenta os “lutadores” –, quando seria comprovada ou não a culpa do pai e da madrasta da menina. Apesar do aparente final com a

sentença que condenou o casal a mais de 20 anos de reclusão, a novela Nardoni parece não ter tido seu desfecho. Além do laudo, citado nesta análise, produzido em um laboratório dos Estados Unidos, novos depoimentos, divulgados em dezembro de 2014, levantaram a possibilidade de reabertura das investigações. Antônio Nardoni, avô paterno de Isabella, poderia estar envolvido na morte da menina.

Assim como narrativas ficcionais, a cobertura do caso Nardoni foi pautada em um maniqueísmo que, desde o início, estabelecia os lados “bom” e “mau” da história. Sem essa condição previamente estabelecida, não seria possível o desenvolvimento da cobertura em forma de narrativa espetacularizada. Da mesma forma que a principal vítima do caso é apresentada ao público logo no primeiro capítulo, seria necessária a construção de um vilão para garantir a dualidade que sustenta o espetáculo.

Estas considerações deixam pistas para o desenvolvimento de um conceito específico de notícia ligado à cobertura espetacularizada de crimes, principalmente daqueles que causam comoção nacional. Seria possível definir a “notícia-espetáculo” como a notícia que, baseada em critérios de noticiabilidade e valor-notícia próprios do campo jornalístico, seria construída a partir da análise de casos anteriores com efeito similar sobre o público, estabelecendo-se a possibilidade de uma audiência fiel àquela cobertura. A necessidade de causar emoção seria intrínseca a essas coberturas.

Referências bibliográficas

ARBEX JÚNIOR, J. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo, 2. ed., São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BALOGH, A. M. **O discurso ficcional na TV**: sedução e sonho em doses homeopáticas, 1. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

CHAPARRO, C. Interesse público não se confunde com “interesse do público”. O xis da questão, São Paulo, p.1-8, jul. 2012. Disponível em: <http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_31_7_54154.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2015.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

MACHADO, A. **A arte do vídeo**, 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.

Referências audiovisuais

GLOBO.TVa1. Caso Isabella Nardoni (2008). Fantástico, Rio de Janeiro, 30 mar. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/caso-isabella-nardoni-2008/2338040/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GLOBO.TVa2. Caso Isabella Nardoni (2008). Jornal Nacional, Rio de Janeiro, 31 mar. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/caso-isabella-nardoni-2008/3595538/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GLOBO.TVa3. Polícia ouve depoimentos sobre morte de Isabela. Jornal Nacional, Rio de Janeiro, 01 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-ouve-depoimentos-sobre-morte-de-isabela/810367/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GLOBO.TVa4. Pai e madastra de Isabella se entregam. Em Cima da Hora, São Paulo, 03 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/globonews/em-cima-da-hora/v/pai-e-madastra-de-isabella-se-entregam/811278/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GLOBO.TVa5. Pai de Yves Ota apóia mãe de Isabella Nardoni. Jornal Nacional, Rio de Janeiro, 05 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/pai-de-yves-ota-apoia-mae-de-isabella-nardoni/812093/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GLOBO.TVa6. Promotor e advogado do pai e da madrastra de Isabella falam ao Fantástico. Fantástico, Rio de Janeiro, 06 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/promotor-e-advogado-do-pai-e-da-madrasta-de-isabella-falam-ao-fantastico/812363/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GLOBO.TVa7. Isabella foi espancada e sufocada antes de morrer. Jornal da Globo, São Paulo, 07 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/isabella-foi-espancada-e-sufocada-antes-de-morrer/812877/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GLOBO.TVa8. Câmeras de supermercado flagram últimas horas de Isabella. Jornal Nacional, Rio de Janeiro, 08 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/cameras-de-supermercado-flagram-ultimas-horas-de-isabella/813327/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GLOBO.TVa9. Fantástico: Entrevista Casal Nardoni (2008). Fantástico, Rio de Janeiro, 20 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/fantastico-entrevista-casal-nardoni-2008/2645987/>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

GLOBO.TVa10. Para perícia, apenas os Nardoni estiveram na cena do crime. Fantástico, Rio de Janeiro, 27 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/para-pericia-apenas-os-nardoni-estiveram-na-cena-do-crime/820847/>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

GLOBO.TVa11. Polícia utiliza perícia incorretamente no caso Isabella. Jornal Nacional, Rio de Janeiro, 29 abr. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-utiliza-pericia-incorretamente-no-caso-isabella/821703/>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

GLOBO.TVa12. Caso Isabella: veja o conteúdo do relatório do inquérito policial. Jornal Nacional, Rio de Janeiro, 01 mai. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/caso-isabella-veja-o-conteudo-do-relatorio-do-inquerito-policial/822523/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

GLOBO.TVa13. Promotor pede prisão preventiva do pai e madrasta de Isabella. *Jornal Nacional*, Rio de Janeiro, 06 mai. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/promotor-pede-prisao-preventiva-do-pai-e-madrasta-de-isabella/824331/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

GLOBO.TVa14. Processo contra Nardoni e Jatobá é aberto e eles são réus. *Jornal Nacional*, Rio de Janeiro, 07 mai. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/processo-contranardoni-e-jatoba-e-aberto-e-eles-sao-reus/824792/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

GLOBO.TVa15. Veja entrevista exclusiva com mãe de Isabella Nardoni. *Fantástico*, Rio de Janeiro, 11 mai. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/veja-entrevista-exclusiva-com-mae-de-isabella-nardoni/826324/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

GLOBO.TVa16. Mãe de Isabella diz que justiça começa a ser feita. *Jornal Nacional*, Rio de Janeiro, 12 mai. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/mae-de-isabella-diz-que-justica-comeca-a-ser-feita/826747/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

GLOBO.TVa17. Defesa utilizará todos os recursos para inocentar pai e madrasta de Isabella. *Jornal Nacional*, Rio de Janeiro, 14 mai. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/defesa-utilizara-todos-os-recursos-para-inocentar-pai-e-madrasta-de-isabella/827729/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

GLOBO.TVa18. Histórias aterradoras entre quatro paredes. *Retrospectiva*, São Paulo, 26 dez. 2008. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/retrospectiva/v/historias-aterradoras-entre-quatro-paredes/941260/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

GLOBO.TVa19. Advogado quer anular acusações contra madrasta de Isabella Nardoni. *Fantástico*, Rio de Janeiro, 26 abr. 2009. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/advogado-quer-anular-acusacoes-contramadrasta-de-isabella-nardoni/1014370/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

GLOBO.TVa20. Conheça o apartamento do casal Nardoni. *Fantástico*, Rio de Janeiro, 27 set. 2009. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/conheca-o-apartamento-do-casal-nardoni/1131764/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

GLOBO.TVa21. Revelados os detalhes do julgamento do caso Isabella Nardoni. *Fantástico*, Rio de Janeiro, 14 mar. 2010. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/revelados-os-detalhes-do-julgamento-do-caso-isabella-nardoni/1229037/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

GLOBO.TVa22. Julgamento do casal Nardoni teve lances dramáticos. *Fantástico*, Rio de Janeiro, 28 mar. 2010. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/julgamento-do-casal-nardoni-teve-lances-dramaticos/1238222/>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

GLOBO.TVa23. Novo laudo aponta que Isabella Nardoni não foi estrangulada por pai e madrasta. *Jornal Hoje*, São Paulo, 08 ago. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/novo-laudo-aponta-que-isabella-nardoni-nao-foi-estrangulada-por-pai-e-madrasta/2744353/>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

GLOBO.TVa24. Ana Carolina Oliveira, mãe de Isabella Nardoni, fala do caso de Joaquim. Encontro com Fátima Bernardes, Rio de Janeiro, 13 nov. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/ana-carolina-oliveira-mae-de-isabella-nardoni-fala-do-caso-de-joaquim/2952209/>>. Acesso em: 17 jan. 2015.